

SEIS VEZES LUCAS: DA LEITURA CRÍTICA À SALA DE AULA

Jacilene de oliveira Cruz- UFCG
Emmanuelle Silva Freire Pereira- UFCG
José Hélder Pinheiro Alves (Orientação)

Resumo

A obra de Lygia Bojunga Nunes se constitui numa das mais importantes de nossa literatura infanto-juvenil contemporânea. Esta comunicação pretende realizar uma análise literária do livro *Seis vezes Lucas*, de Lygia Bojunga Nunes. A obra foi publicada no ano de 1995 e possui características do gênero literatura juvenil. A narrativa é dividida em seis capítulos e cada um narra uma situação vivenciada pelo protagonista “Lucas”. Nesta história, encontram-se em evidência temas como o medo, o conflito interno e identitário do indivíduo na infância, o relacionamento entre pais e filhos e a desagregação e fragmentação familiar. Analisaremos os personagens, o enredo e as temáticas apontadas anteriormente, com base em Zilberman (1984), Brait (1985) e Sandroni (1987). Por fim, proporemos algumas atividades para sala de aula das primeiras séries do ensino fundamental, baseados em Cosson (2006), Colomer (2007) e Rouxel (2014).

Palavras-Chave: Lygia Bojunga Nunes; Análise; Ensino.

1 Introdução

No âmbito da literatura, o elemento de ordem diferencial de algum tipo de arte é atribuído à linguagem, aos modos de representação ou aos tipos de assuntos. A literatura infanto-juvenil, por exemplo, é uma vertente da literatura geral, originária do aparecimento da infância considerando suas transformações com relação ao seu tratamento e a sua compreensão ao longo dos últimos 200 anos (ZILBERMAN, 1984). Sabendo disso, torna-se possível afirmarmos que, a literatura infanto-juvenil particulariza-se como um gênero, por ter as crianças e os adolescentes como público alvo. Nesse sentido, a literatura infanto-juvenil reúne obras com conteúdos capazes de aguçar o imaginário humano e auxiliar a compreensão e a resolução de conflitos internos de cada indivíduo em particular.

Voltando nossos olhares para os dias atuais (século XXI) é possível notarmos na história da literatura infanto-juvenil, a diversidade de obras que tem por natureza tal gênero. Dentre os renomes da literatura infanto-juvenil, destacamos Lygia Bojunga

Nunes. E é sobre ela e seu livro intitulado “Seis vezes Lucas” que trataremos neste artigo.

De modo geral, a obra da referida escritora é marcada pela riqueza de recursos temáticos e estéticos responsáveis por promover a mediação com o leitor. Nesse sentido, é notado em sua obra, um forte diálogo com o mundo exterior ao passo em que retrata problemas da contemporaneidade, e ao mesmo tempo possibilita a imersão do leitor na fantasia.

O romance “Seis vezes Lucas”, especificamente, foi publicado no ano de 1995 e possui características do gênero literatura juvenil. Nele, Lygia Bojunga trás em seis capítulos a narração da história de *Lucas*, um menino que vivencia situações conflituosas como o difícil relacionamento com os pais, o temor da solidão, os desejos frustrados, as traições e os desentendimentos dos pais.

Sabendo disso, tomaremos tal livro como objeto de estudo e a partir dele objetivamos analisar os personagens, ao enredo e as temáticas apontadas anteriormente. Tal análise será concebida à luz de Zilberman (1984), Brait (1985) e Sandroni (1987). E por fim, mas não menos importante, proporemos algumas atividades para sala de aula das primeiras séries do ensino fundamental, baseados em Cosson (2006), Colomer (2007) e Rouxel (2014).

Para melhor organização, este trabalho está dividido em seções: além desta introdução, duas seções dedicadas à análise e uma para as considerações finais seguida da indicação das referências.

2 Analisando enredo e personagens expressos na narrativa

A função social da literatura só se faz na sua genuína possibilidade ali onde a experiência literária do leitor entra no horizonte de expectativa da prática de sua vida, pré-forma sua compreensão de mundo e com isto repercute também em suas formas de comportamento social. (JAUSS, 1979)

Apresentado em seis capítulos, cada um desses, narrando uma situação vivenciada pelo personagem principal (Lucas), o livro “Seis vezes Lucas” de Lygia

Bojunga Nunes trás a história de um menino, filho único, que vivencia situações conflituosas. Nessa narrativa, Bonjuga deixa em destaque o medo e a família que são temas recorrentes dessa e de outras histórias de Lygia. Em “Seis vezes Lucas”, a autora toca no relacionamento entre pais e filhos, expondo a desagregação e fragmentação familiar.

A personagem Lucas, protagonista da história, é marcada pela crise identitária e pelo medo, sendo assim, pode-se afirmar que é essa sensação que leva o garoto a várias inquietações e dilemas conturbadores vividos em todos os capítulos apresentados na história. Motivado pela censura do Pai, de que homem não chora e não pode ter medo, Lucas tenta sufocar o choro e o medo que se transformam na tal “Coisa”. Conforme compreendemos na passagem: “Apertou a boca, ele não ia deixar sair soluço nenhum; apertou o olho: lágrima também não saía, pronto! ele ia ser um cara pro pai não botar defeito [...] a coisa tinha começado a doer [...] volta e meia a Coisa doía. Doía na garganta, no pescoço, no dente [...]” (NUNES, 1996, p.18-19).

Além desse trecho é possível notarmos que nos seis capítulos do livro ficam claras as tentativas do menino de superar seus medos, tais como: o medo de ficar sozinho em casa durante a noite; o medo da distância afetiva dos pais; o medo de não ser correspondido em sua paixão pela professora; o medo de não conseguir ter um cachorro, amigo perfeito para conta-lhe sobre tudo, pois assim, não precisava temer ninguém saber de seus segredos; o medo de ser sufocado pela “Coisa”; e por ultimo, o medo de enfrentar a nova convivência com o Pai quando percebe as más condutas do mesmo.

Toda a narrativa fornece ao leitor indícios marcantes das três personagens que compõem esse núcleo familiar: Lucas; o Pai e a Mãe. É importante percebermos que em nenhum momento do livro é mencionado o nome do Pai e o nome da Mãe, poderíamos afirmar, assim, que a autora pretende transmitir ao leitor a mensagem de que apesar de ser uma ficção, os personagens podem ser facilmente confundidos com os “personagens” da sociedade contemporânea, ou seja, as atitudes dadas pela autora aos personagens são os reflexos das atitudes do homem.

Ainda a respeito da relação familiar dos personagens, observamos que logo no primeiro capítulo a narrativa desperta a atenção do leitor quando Lucas descreve minuciosamente a figura e os gestos do pai, a princípio é notada nos primeiros capítulos da história certa admiração do filho ao pai. Conforme o trecho: “Lucas entrou no quarto e viu o pai se olhando no espelho. Parou; ficou olhando o Pai se olhar. O Pai pegou a

escova a escova passou ela devagar no cabelo; pegou o pente e penteou o bigodê. [...] E o Lucas pensou, que bonito que é meu pai” (NUNES, 1996, p. 15). Apesar da estima, mais a frente, é possível notarmos que o personagem Lucas fomentara um sentimento inverso, devido à posição autoritária, machista do pai e dissimulada, tanto em relação ao filho como em relação à mãe. Notemos na passagem:

Ô, mas que saco! Chora a mãe, chora o filho!- Tirou o Lucas do abraço da Mãe: -- Deixa ela chorar que ela é mulher, mas você é homem e eu não quero um filho chorão, com medo de ficar sozinho, com medo disso, com medo daquilo[...] ele não gostava mais de gostar do pai (...). (NUNES,1996, p. 28; 103)

Nesse trecho, percebemos as características descritas, anteriormente, com relação à postura do pai. Sobre este mesmo aspecto, ainda poderíamos destacar as atitudes da mãe para tais ações do pai, nela notamos uma submissão às regras impostas pelo marido a ponto de negar ao filho a atenção. Dominada pela paixão ela é capaz de anular qualquer pretensão que não seja aquela voltada para a consecução de seus desejos. Além disso, também percebemos a incontestável razão dos ditos do pai, é como se a mãe não construísse condutas próprias. Vejamos no trecho: “– Não vamos começar outra vez com isso, não é meu amor? Você não viu a cara do teu pai no jantar? Ele não gostou nadinha de ver você falando de novo que tem medo” (NUNES, 1996, p. 17). Em que a mulher molda as situações com o único objetivo de agradar seu marido.

Com relação à linguagem, algo interessante de ser observado nessa história é o uso da metáfora, a exemplo dos trechos: “A cara foi saindo do espelho e o Lucas foi com ela pra sala.” (p.22); “ E mais a chuva que desatou a chover”; “Mas então ela tinha levado um ponta pé pelas costas? Sem nem ver a cara do pé?” (p.64). De acordo com Sandroni (1987) é através desse recurso metafórico de grande riqueza polissêmica, que possibilita as várias leituras em relação à obra literária. Mais um recurso utilizado por Lygia, nesta obra, é a linguagem cinematográfica, quando apresenta ilustrações da história contada anteriormente, assim, possibilitando, diversas interpretações do leitor acerca da história.

Outro ponto a destacarmos no enredo é a atitude de Lucas em construir uma máscara, “a Cara”, a fim de forjar uma companhia, assim, arraigando a solidão. Nesse contexto, as cenas descritas na narrativa, exploram da psicanálise, pelo fato do menino Lucas está sempre diante de conflitos internos, e buscar concretizar seus desejos num

plano imaginário. Por um momento na noite, a “companhia” da máscara desperta no menino a possibilidade de ser outro Lucas: destemido, conquistador e dançarino. É como se o menino, marcado pelo medo, pela insegurança e pela timidez, estivesse dando a oportunidade para o surgimento de um menino de características opostas, colocando em prática o conceito de herói expresso pelo Pai: “[...] O Pai não tinha dito, herói é quem vence os medos que tem? Tinha ou não tinha? Abriu o olho. Não, o Pai tinha falado, herói é quem conquista os medos que tem” (NUNES, 1996, p. 18). Porém, no dia seguinte, toda a figura do homem Lucas é desfeita quando a máscara é desconstruída. Conforme o trecho:

Puxou a Cara. Um pedaço de massa caiu no chão, outro pedaço se grudou na mão do Pai. Um pedaço de massa caiu no chão, outro pedaço se grudou na mão do pai. O Lucas pulou da cama e pegou o pedaço que tinha caído no chão, puxou o outro pedaço da mão do Pai, juntou um no outro, procurou a Cara na massa. Mas a massa não tinha mais cara. Você rasgou ela! Você rasgou ela! - e começou a chorar.(NUNES, 1996, p.27)

Ainda no viés da psicanálise, e além da situação vivida com “a Cara”, movido pela carência de atenção, Lucas também faz de seu cachorro, o Timorato, seu confidente. Conforme observamos no trecho:

Na primeira vez que o Lucas e o Timorato ficaram sozinhos de noite, o Lucas foi logo desabafando o medo que dele ficar sozinho em casa. Contou medo que só vendo, e achou ótimo desabafar assim tanta coisa sem perigo nenhum do Timorato contar pro Pai. (NUNES, 1996, p. 40-41)

Percebemos, assim, que a personagem Lucas, recorre a planos imaginários na tentativa de sanar a solidão e entender os problemas vividos. É válido lembrarmos que, algumas das cenas que envolvem o convívio de Lucas com a professora de artes plásticas, a Lenor, também notamos indícios da psicanálise. Como no capítulo 4 (quatro) em que Lucas concretiza na imaginação os seus encontros com a professora, levando-a para dançar no Terraço. Com o imaginário peculiar de uma criança, Lucas relembra e entrelaça trechos de conversas e situações antigas com a Mãe ou com a Tia Elisa (personagem secundária), o garoto compõe “Um lugar mágico. Um lugar mágico. Um lugar mágico...” (p.71). No Terraço “Lá embaixo. Então o Terraço era no alto de um edifício. É, um edifício de 20 andares. Não, 30! Pro mar ficar láááááááááá embaixo”

(p.71) o menino foi colocando em seu rosto a máscara do Pai conquistador, assim, ele acredita adquirir o poder de sedução do Pai e “começa a dançar com a Lenor” (p. 78). Nesse espaço mágico encontra a perdido de Lenor e o coloca no dedo da amada, como uma aliança, e volta a dançar. O Terraço mágico proporciona, ainda, outros encontros com a professora, dividindo espaço com o cachorro Timorato e também com a Mãe.

Ao final do referido capítulo, no Terraço imaginário, com essa mesma máscara, desiludido e impulsionado pela raiva ao pai, este que mantinha uma relação extraconjugal com a professora Lenor, Lucas conta à Mãe a tal traição do pai:

— Eu vi tudo. Foi lá na classe. A porta tava fechada. Mas eu abri. Uma fresta só. E vi o pai conquistando a Lenor. Você precisava ver o jeito dele. Abrindo a blusa dela, beijando ela. Eu vi tudinho. E quando ele diz pra você que vai jantar com o diretor-da-companhia é tudo mentira: ele vem pr'aqui com a Lenor... (NUNES, 1996, p.80)

Notamos nesse trecho, um clímax, e a partir dele e da história em sua totalidade, percebemos, na posição de leitores, que a atmosfera temerosa, conflituosa e conturbadora percebida no plano da narrativa faz com que o menino se sinta acuado e confuso. Com isso, o mesmo busca um paralelo entre mundo real e mundo imaginário, concretizando no mundo fantasia, suas superações, seus desejos, o seu equilíbrio. Para Sandroni (1987), a Literatura Infantil trabalhando com a linguagem simbólica, dá à criança respostas a seus conflitos, possibilitando vivenciá-los em seu imaginário e com isso sugerindo soluções que a levarão ao amadurecimento psicológico.

Por fim, é importante observarmos que se instaura no livro “Seis vezes Lucas” um tema em que é possível se problematizar, uma vez que a história é usada para denunciar casos inerentes à sociedade, tomando como exemplo esta obra, esta retratada o relacionamento entre pais e filhos, a desagregação, fragmentação familiar, a traição. Podendo causar no leitor uma reflexão a cerca da realidade, através da estética da recepção.

2.1 Proposta de atividade

Antes de apresentarmos uma possibilidade de atividade a partir do romance “Seis vezes Lucas” é válido lembrarmos, com base em Colomer (2007), que a finalidade da formação literária é de formar leitores competentes. Além disso, ao apropriar-se do

texto, o leitor pode configurá-lo à sua imagem, complementando-o com elementos oriundos de sua história pessoal e de sua cultura (ROUXEL, 2014). Sendo assim, Cosson (2006) afirma que a interpretação do texto realizada pelo leitor aluno será construída de maneira favorável ou desfavorável, através de seus dados históricos e de suas relações familiares, configurando-se, assim, como um processo pessoal e íntimo.

Tomando como base, tais teorias, apresentaremos a seguir um plano de aula:

Tema: Relação entre pais e filhos

Público- alvo: Alunos 8º ano

Duração: 2 aulas de 50 minutos cada

Conteúdo: Leitura e reflexão da obra “Seis vezes Lucas” de Lygia Bojunga Nunes

Objetivo Geral: Ler e refletir sobre a obra “Seis vezes Lucas” dando ênfase ao tema “Relação entre pais e filhos”

Motivação: Convidar os alunos a escutar a música “Pais e Filhos” de Legião Urbana. Após esse momento, induzi-los a um diálogo perguntando-nos se eles já ouviram tal música, se a escutam com frequência e o que fica subentendido para eles a partir da letra dela.

Introdução: Nesse momento, será apresentado o romance “Seis vezes Lucas” e um breve histórico da autora Lygia Bojunga Nunes. Vale ainda dizermos, que a escolha desse livro se justifica pelo fato de que nele são abordados temas contemporâneos. Além disso, Bojunga recorre ao uso de uma linguagem sugestiva capaz de aguçar o imaginário do leitor, tudo isso facilitando o estabelecimento da relação entre autor, texto, leitor e recepção.

Leitura e interpretação: Nesse momento, será solicitada a leitura compartilhada do primeiro capítulo do livro intitulado “Lucas e a Cara” em seguida será proposto um debate em que será discutido o tema “Relação entre pais e filhos” usando como base a leitura e a interpretação do texto e fazendo uma ligação com a música “Pais e Filhos” de Legião Urbana. Por fim, deixaremos os alunos à vontade para compartilharem com a turma os seus conflitos ou de algum amigo.

3 Considerações finais

Concluimos que a literatura infanto-juvenil toca no íntimo do ser humano, no eu mais profundo. Traços próprios da natureza humana, como a busca da identidade, a

autoafirmação, os sentimentos, as dificuldades contidas num processo de amadurecimento inerente ao ser, são problematizados nas obras literárias, dimensionando a subjetividade das personagens crianças e jovens, que vivem situações de conflito, especialmente na relação com os adultos. Sendo assim, julgamos válido o trabalho com a literatura infanto-juvenil na sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Hélder Pinheiro (org.). **Memórias da Borborema 4: Discutindo a literatura e seu ensino**. Campina Grande: Abralic, 2014, p.19- 35.

BRAIT, Beth. **A personagem**. Série Princípios: 1985.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 51-109.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global Editora, 2007.

CRUVINEL, Maria de Fátima. **“Só não gostei do final”: conclusões sinceras do leitor juvenil**. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/6b378770cf9ae88341e702f048bb64dc_490_181_.pdf>. Acessada em: 18 de Fevereiro de 2016.

NUNES, Lygia Bojunga. **Seis vezes Lucas**. Rio de Janeiro: Agir, 1996.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: as renações renovadas**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SILVA, Rosa Maria Graciotto. **O lugar da personagem e do leitor em seis vezes lucas de lygia bojunga**. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/091.pdf>. Acessado em: 18 de Fevereiro de 2016.

ZILBERMAN, R. e MAGALHÃES, L. Cademartori. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. 2a ed São Paulo: Ática, 1984.